



REQUERIMENTO N.º , DE 2016.

(Da Sra. Maria do Rosário)

Requer a realização de Audiência Pública para discutir o desenvolvimento pesquisas científicas referentes a prevenção e tratamento da zika e da microcefalia por infecção congênita.

Senhor Presidente:

Senhor Presidente, Requeremos a Vossa Excelência, nos termos do art. 58, § 2º, inciso II, da Constituição Federal e art. 255 do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, audiência pública para discutir o atendimento de neonatologia para crianças diagnosticadas com microcefalia. Convidamos:

1. KLEBER LUZ

Infectologista da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

2. MARGARET CHAN

Organização Mundial de Saúde

3. SANDRA MATTOS

Universidade Federal de Pernambuco

4. RODRIGO STABELI

Vice-presidente de Pesquisa e Laboratórios de Referência da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)

5. JEAN GORINCHEYN

Infectologia Emílio Ribas

JUSTIFICAÇÃO

O país vive um surto de microcefalia relacionado ao zika vírus, transmitido pelo mosquito Aedes Aegypti, o mesmo vetor da dengue e da febre



chikungunya. Identificado pela primeira vez no país em abril, o vírus da zika costuma evoluir de forma benigna – com sintomas como febre, coceira e dores musculares – o que mais preocupa é a associação do vírus com outras doenças.

O Ministério da Saúde já confirmou a relação do vírus da zika com a microcefalia e investiga uma possível relação com a síndrome de Guillain-Barré. Os casos confirmados de microcefalia por infecção congênita no país, entre os dias 22 de outubro e 6 de fevereiro, somam 462 e praticamente se igualam aos dados somados dos anos de 2012 a 2014 – quando houve 489 casos. Mesmo se antes as notificações não eram obrigatórias – e levanta-se a hipótese de que esses dados são menores do que a realidade -, especialistas não duvidam de que os casos graves de microcefalia deram um salto no final de 2015 e começo de 2016 no Brasil.

A média anual do Brasil era de 0,5 caso de microcefalia para cada 10 mil nascidos vivos. Um número pequeno perto da média dos Estados Unidos, que vai de 2 a 12 casos a cada 10 mil nascimentos. Mas se fizermos as contas com números dos últimos meses de 2015 e primeiro mês de 2016, a incidência seria de cerca de 6,40 casos confirmados para cada 10 mil nascimentos – isso apenas considerando os casos de microcefalia por causa infecciosa, portanto, a incidência seria ainda maior. É esse número que chama a atenção do mundo.

Há ainda 3.852 casos em investigação, de bebês que nasceram com o tamanho da cabeça menor ou igual a 32 centímetros, mas que ainda não passaram por estudos para identificar se há lesões cerebrais.

Para Kleber Luz, um dos primeiros médicos a relacionar o vírus da zika à microcefalia, não há dúvidas sobre a influência do vírus da zika no aumento de casos graves de microcefalia, mesma posição de Sandra Mattos, médica e uma das coordenadoras de um estudo que aponta a subnotificação de casos de crianças que nasceram com o perímetro cefálico menor.

Diante dos fatos expostos, requeremos que a Comissão Externa de Acompanhamento das Ações sobre o zika vírus a realize audiência pública



para debater os avanços nas pesquisas referentes ao enfrentamento ao zika e sua associação com demais doenças.

Sala das Comissões, em de fevereiro de 2016.

Deputada Maria do Rosário
PT/RS